

| Conto

JOANA E O HOMEM DE PEDRA

Por Anacleto Vieira de Sousa

Joana é uma menina linda. Tão linda que dá dó. Tem sete anos. Não mais do que isso. Sete anos apenas. Magra. De uma magreza quase ossuda. Cadavérica. O contraste dessa forma seca é a barriga cheia, redonda e reluzente sob o sol brilhante de todos os dias. Inchada. Mora em um casebre na rua das três raças. Bem melhor se dizer uma viela. Uma viela milagrosa. Pois os dejetos humanos são expostos a céu aberto num córrego de água escura que fede tal qual uma fossa e serpenteia entre os casebres de madeira. No entanto, inacreditavelmente, naquele lugar se construiu uma comunidade de seres humanos. Ali, bem ali, justamente onde as moscas criaram seu reinado. Elas voam pelo espaço aéreo como se fossem fadas e pousam na barriga redonda e reluzente de Joanelinha. E é nela que põem seus ovos e suas fezes. Outro fato extraordinário é que do nariz da menina sempre escorre um filete de um líquido pegajoso esverdeado, de um verde de abacate, que desce pelo canto da boca até chegar ao queixo, forçando-a a ficar fungando e chupando toda hora para não sujar o seu vestido roxo que está usando especialmente neste dia para pagar uma promessa da sua mãe. Joana é uma menina linda. Tão linda que dá dó.

Sua mãe é um anjo de candura. Que candura! Uma devota que se veste com uma roupa branca para agradar nossa senhora. A roupa, de retalhos feita, apanhados no lixo da casa de uma costureira, já apresenta um certo desgaste, acentuado pela sujeira do dia a dia. Mas quando sorria com uma agonia latente dizia que Deus é simplicidade, paz, amor e prosperidade. E que três sementinhas são a base da sua fé: pai, filho e espírito santo, claro, se fossem plantadas no chão daquele que ouve a voz de Deus. Essa mãe dadivosa fizera uma promessa para que, no dia do aniversário de sete anos da Joana, ela, a Joana, fosse à grande Catedral construída no ponto mais alto da cidade para purificar-se dos malefícios da vida. Um ritual. Pagar uma promessa materna. Promessa feita para que ela nascesse, porque uma anemia quase consumira o útero criador durante a gestação.

Ela já tinha ido com sua mãe outras vezes à igreja para pedir perdão dos pecados que não tinha certeza se realmente os cometia. Estranhava que outras pessoas a olhassem atravessada. Parecia uma coisa de outro mundo quando as duas davam os primeiros passos na nave da catedral. Os olhares agudos investigavam as entidades fabulosas que na abóbada desaguavam. Sua mãe não dava importância e sentava em um dos bancos para ouvir a pregação do padre. Na igreja, no altar, tinha um homem deitado numa caixa de vidro. Sua mãe dissera que era o nosso senhor que se sacrificara para lhes salvar. Esse homem deitado, imóvel como uma pedra, possuía uma beleza divina. Parecia um príncipe. Só não entendia muito bem porque estava quase nu. Será que ele era do jeitinho delas? Será que ele não tinha dinheiro pra comprar roupas pra cobrir a vergonha e por isso foi transformado em pedra? Pensou isso por causa da sua mãe outro dia ter brigado com um homem lá da rua, um bêbado, e mandou que ele escondesse sua vergonha, seu pecado, só porque estava de cuecas. Nosso senhor também está só de cuecas, não é não? Ou será que foi esse o sacrifício? Ser transformado em pedra quase nu? Mas que ele era um príncipe muito do bonito lá isso ele era.

Parte a menina vestida de roxo a fim de pagar a promessa. Sozinha pela primeira vez. No bolso da blusa leva três moedas de ouro para depositar aos pés do nosso senhor crucificado: uma é como se fosse a simplicidade, uma a paz e a outra o amor. Quando estivesse na igreja deveria por uma moeda de cada vez e fazer uma oração para o pai, uma para o filho e outra para o espírito santo, se não uma desgraça cairia na vida delas. Só que dez graças maiores que estas não poderia ter: pobreza, sujeira, abandono, fome, pedintência, desventuramento, carência, suburbanismo, doença, subserviência e ainda ter que doar as três moedas de ouro. Espere aí! De onde saíram essas três moedas de ouro? Sua mãe nunca tinha falado acerca dessas moedas. Para de súbito no meio da rua com a pergunta lhe inculcando a mente.

— O que uma menina tão linda faz na rua sozinha? Um mendigo barbudo, de nariz grande e fedendo como um cachorro que come carniça lhe pergunta com voz arrastada.

Não quis responder. Olhou com medo para o estrupício na sua frente lembrando das histórias de homens que fazem sumir as criancinhas que não seguem os ensinamentos do Senhor.

— Vamos minha menina, não quer responder? Está com medo de mim? Insiste o mendigo.

Um tremor lhe faz tremer as pernas e o queixo bate como se caísse neve nas ruas quentes do nordeste.

— Vou pra igreja deixar essas moedas pra pagar uma promessa. Responde a menina entre uma queixada e outra.

Os olhos do mendigo brilham como duas estrelas em noite de lua cheia ao ver o vil metal reluzente, pondo a mão no ombro da menina, se ajoelha e pergunta com um tom paternalista:

— E qual a igreja que o anjo vai visitar?

A Catedral.

— Muito bem, faz muito bem meu docinho. Guarde essas moedas que algum ladrão pode tentar roubá-las de você. — Delicadamente fecha a mão da criança e a coloca no bolso do vestido roxo. — E como você vai pagar essa promessa?

— Mamãe disse pra botar as moedas na cesta do pé do altar, uma de cada vez, e rezar três vezes. Sabia que no altar tem um homem bonito deitado como se fosse um príncipe dormindo?

— É? E você gosta dele?

— Gosto de ficar olhando ele.

— Coitado do príncipe.

— Por que seu moço?

— Me chame de João. Joãozinho.

Ele se levanta tomando a mão da menina, que já não tinha tanto medo ao sentir a meiguice falsa do estrupício mendicante, e saem caminhando a procura da Casa Celestial. E num tom senhorial, tal qual um narrador bíblico, Joãozinho lhe conta a história do homem de pedra.

— Aquele pobre homem foi enfeitado. Ele era um príncipe...

— Eu sabia, ele é príncipe, ele é um príncipe...

— A barriga da menina mais parece uma bola com os saltos que ela dá ao redor do seu novo amiguinho.

— Calma minha serelepe. Não chame a atenção dos outros senão não vai poder salvar o príncipe. Ele foi transformado em pedra porque um homem muito malvado tinha medo dele. E para salvar ele, uma criança tem que pegar o dinheiro que está no altar e dar a um mendigo que fica sentado na calçada da igreja.

— Isso é errado. Minha mãe disse que o dinheiro é para o Senhor.

— Mas o mendigo é o mensageiro do senhor. Só que naquela igreja tem um homem mau, vestido de preto, que não deixa o mendigo pegar o dinheiro do senhor pra que eu entregue a meu pai. Viu? Por isso não posso entrar. O homem só deixa uma criança linda como você chegar perto do altar. E tem mais. Você me entrega o dinheiro, aí, volta e beija os pés de pedra que o príncipe vai ser desencantado. E quem desencantá-lo pode fazer qualquer pedido que ele vai atender.

— Eu posso pedir pra gente ficar rico?

— Claro que pode. É só fazer o que eu lhe disse que o milagre acontece. Então?

Mal diz a ultima palavra quando se lhes desvela a opulência celestial. O mendigo solta a mão da menina, ela entra na igreja vazia se aproximando do altar e põe as moedas no cesto de vime. Olha para um lado, para o outro, não se vê viva alma. Segura com firmeza o pequeno cesto para logo em seguida sair correndo. Lá fora, ansioso, lhe espera o mensageiro sentado na escadaria. Recebe das pequeninas mãos a arca do tesouro, aliança entre deus e os homens. A menina ainda olha o estrupício sumir entre as árvores da praça semelhante a um duende doente capengando de soberba. Nervosa, Vestidinho Roxo volta para o altar. Encontra uma portinhola e entra na caixa de vidro. O coração palpita sem parar. As mãozinhas estão suadas. Ela aproxima o rosto dos pés do grande homem de pedra e toca com os lábios a estátua fria. Espera o príncipe se levantar... nada. Beija novamente... nada. E beija de novo, de novo, de novo, de novo, de novo e de novo. Fica frenética e repetitivamente beijando o homem de pedra...

— Mas o que é isso?

— Ela olha para o lado e vê um homem vestido de preto. O corpo estremece. Tenta sair da caixa de vidro e tropeça na portinhola. A fim de não cair, se agarra a toalha do catre e sai puxando a estátua para cima de si. Cai de costa contra o chão e olha para o alto a tempo de ver o homem de pedra tombar como se estivesse vivo. Eu quero sair daqui. Pensa enquanto chora. O belo príncipe desaba sobre a criança e lhe dá um beijo violento quebrando-lhe o pescoço.